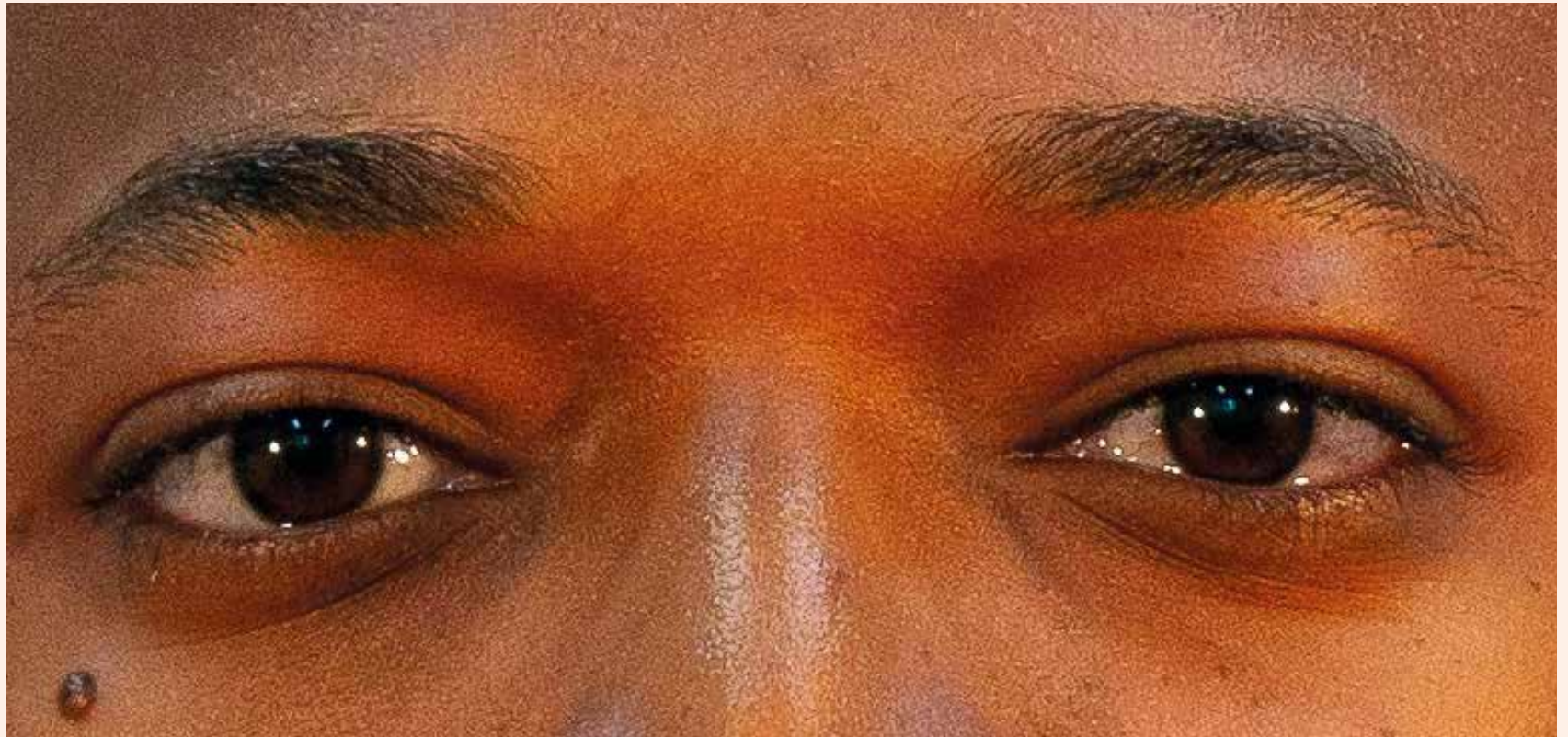




EDIÇÃO ESPECIAL

MESTRES DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDIÇÃO ESPECIAL DO
JORNAL DA ADUFRJ
CELEBRA O DIA DA
CONSCIÊNCIA NEGRA
com reportagens sobre
a vida dos professores
afrodescendentes na UFRJ.

Eles são menos de 17% do
total de docentes. “Somos
muito poucos. Ainda há
uma enorme reparação
que precisa ser executada
na universidade”, lamenta
Maria Soledade dos
Santos, professora titular
da Escola de Enfermagem.

Conheça um pouco
do cotidiano dessa
aguerrida comunidade em
exposição fotográfica no
auditório Manoel Mauricio
Albuquerque, no campus
da Praia Vermelha.



Conversa com OMER BARTOV



O que deu errado?

AUDITÓRIO PEDRO CALMON
Praia Vermelha

TERÇA
9/12
18h

O EVENTO TERÁ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA

AdUFRJ | COLÉGIO BRASILEIRO DE ALTOS ESTUDOS

Palestra com OMER BARTOV



Entre a barbárie, o genocídio e a extrema-direita: o lugar da reflexão no mundo de múltiplas crises

AUDITÓRIO MARIA THEREZA LOUREIRO
Prédio Prof. Levy Gomes Ferreira
da Faculdade de Farmácia,
ao lado do CCS

QUARTA
10/12
11H30

O EVENTO TERÁ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA

AdUFRJ

ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA

Dados mostram que o racismo estrutural ainda está longe de ser superado na sociedade brasileira. Caminho é longo e passa necessariamente pelo acesso ao ensino superior e permanência na universidade pública

DADOS

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Pretos e pardos são a maioria da população brasileira. Eles correspondem a 55% dos brasileiros. No estado do Rio, o percentual alcança 58%, ficando atrás apenas da Bahia. Esses números, no entanto, não se traduzem em “democracia racial” ou igualdade de condições de vida e de oportunidades. A população carcerária brasileira corresponde a mais de 400 mil pessoas e é formada em 70% por pessoas negras.

Também entre negros estão os índices mais baixos de educação formal. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PND) do IBGE, publicada em julho, revelou que 63,4% das pessoas brancas do país tinham completado a educação básica até 2024. Entre pessoas negras, o percentual era de 50%. Também são pessoas negras as que mais sofrem com o analfabetismo. A taxa, entre pretos e pardos, é de 7,1% de analfabetos, e de 3,2% entre pessoas brancas.

A violência é outra faceta cruel do racismo estrutural brasileiro. Pessoas negras morrem mais por homicídio. A taxa de óbitos por morte violenta é de 76%. A juventude negra é a mais vulnerável. A maioria das vítimas são homens jovens, entre 15 e 29 anos. Segundo o Atlas da Violência, o risco de uma criança ou adolescente negra ser assassinada é 3,3 vezes maior do que de crianças e adolescentes brancas.

Graças a políticas de ações afirmativas, como a lei de cotas, as universidades federais já possuem 51% do seu quadro estudantil formado por pretos e pardos. Para Denise Góes, da Superintendência-Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade da UFRJ (SGAADA), a conquista é um marco importante, mas não é suficiente. “Dar o acesso é fundamental, mas é tão importante quanto manter esse estudante na universidade. São realidades atravessadas não só pelo racismo, mas por muitas outras questões estruturais que podem fazer com que ele desista da graduação”, aponta.

Necessidade de ajudar no sustento familiar, violência urbana,

PRETOS E PARDOS

55% dos brasileiros

58% da população do estado do RJ

70% da população carcerária

76% das vítimas fatais da violência

50% não completou a educação básica

7,1% são analfabetos

36,3% dos graduados no ensino superior

51% dos matriculados em universidades federais

16,59% dos professores da UFRJ

FONTES:
IBGE, Atlas da Violência,
Painel Estatístico da PR-4

ANDRÉ REBOUÇAS

Nome importante do movimento abolicionista do século XIX, André Rebouças (foto) foi um dos primeiros negros brasileiros com diploma de ensino superior. Era engenheiro talentoso e chegou a resolver casos complicados na cidade do Rio, como uma severa crise de abastecimento de água. Também desenvolveu armamento para a Guerra do Paraguai e projeto de estrada de ferro entre Curitiba e o litoral. Nascido em 1838, André Pinto Rebouças morreu com 60 anos em Funchal, na Ilha da Madeira, em Portugal



REPRODUÇÃO / WIKIPÉDIA

lacunas acadêmicas e falta de suporte emocional e acadêmico estão entre os principais fatores que podem contribuir para a evasão, analisa a superintendente. “Essa vulnerabilidade vem de um processo de não-escolarização, por conta da escravização o que, consequentemente, implicou na negação do acesso ao ensino superior”, pontua. “É uma dívida histórica muito longe de ser liquidada”.

O professor Papa Matar Ndiaye, da Escola de Química,

concorda. “A política de permanência apresentou melhorias, mas continua insuficiente. Precisamos dos meios adequados para garantir a formação desses estudantes negros”, afirma. “O processo de formação e elitização da sociedade levam ao quadro de sub-representação de pessoas negras, que não é uma questão só da universidade, mas da sociedade brasileira”.

CARREIRA DOCENTE DESIGUAL
No caso do acesso à carreira do-

cente, pessoas negras enfrentam ainda mais barreiras. Na UFRJ, por exemplo, dos 3.959 docentes do Magistério Superior, apenas 129 (3,26%) se autodeclararam pretos e 523 (13,21%), pardos. Mais de 80% de autodeclararam brancos e 1,74% não informou sua origem étnica. Já entre os 92 professores efetivos do EBT, 76% se autodeclararam brancos, 4,35% pretos e 17,39% pardos. Os dados são do Painel Estatístico da PR-4.

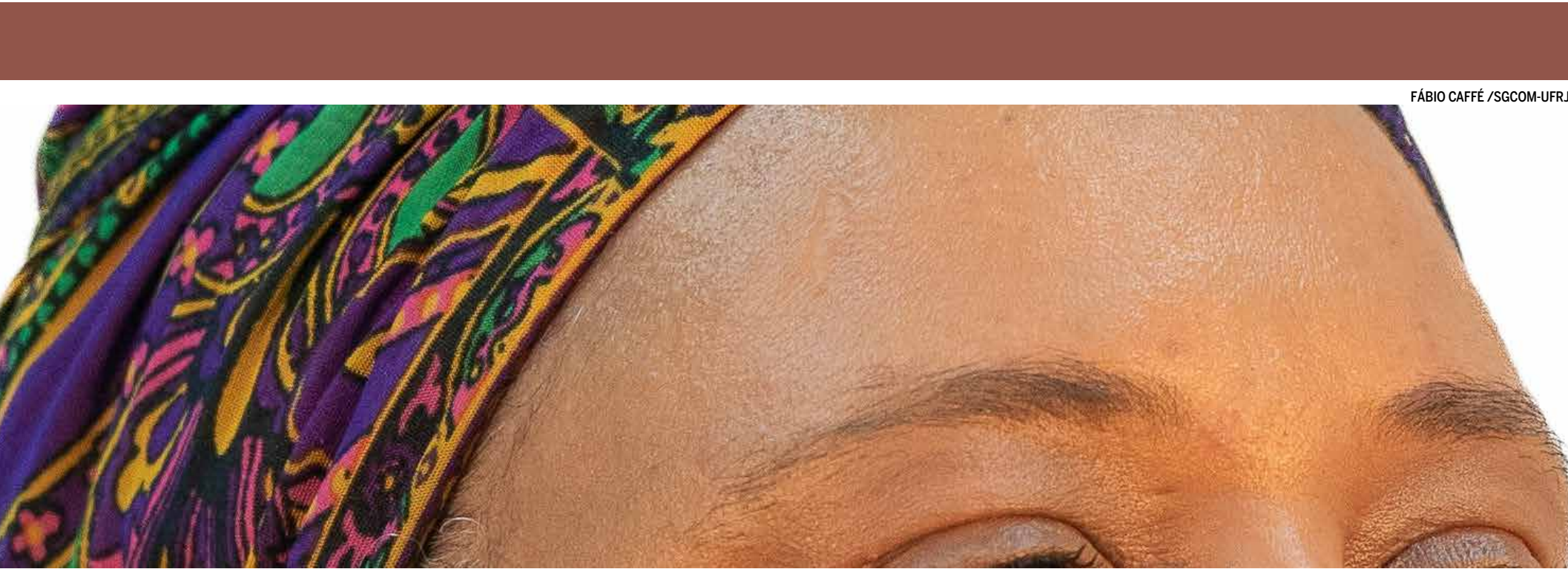
As cotas na pós são realidade recente na academia e ainda reverberam pouco nos concursos, como avalia a pró-reitora de Pessoal, Neuza Luzia Pinto. “As políticas de ações afirmativas para a população negra aconteceram neste século, cerca de uma década atrás, para acesso aos concursos públicos”, aponta. Um marco muito recente, se comparado aos séculos de escravidão aos quais essa população foi submetida. “Eu vejo que o quadro começará a mudar a médio prazo, na medida em que mais negros acessam a graduação, a pós-graduação. Essa formação mais completa aumenta a possibilidade de mais negros e negros entrarem em nossos quadros de docência”, analisa.

Além disso, as vagas ofertadas muitas vezes não alcançam o que estipula a lei. No caso da UFRJ, ocorreu uma mudança significativa a partir de 2022. “A UFRJ ainda tem muito o que avançar na aprovação em seus concursos. Entre 2014 e 2021, houve uma sub-oferta das vagas para cotistas, fato que é compartilhado por praticamente toda a rede de Universidades Federais”, avalia o professor Alexandre Brasil, Titular do Instituto Nutes e diretor da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação.

O ex-pró-reitor revela que a UFRJ, quando ocorreu o primeiro concurso docente após a aprovação da Resolução 15/2020, do Consuni. “Tive o privilégio de estar à frente da PR-4 nos concursos retomados em 2022. Como resultado, 23,6% dos novos docentes que ingressaram em 2022 se declararam de cor preta ou parda”, conta o docente. “Até a aprovação da lei, em 2014, esse percentual era de 13%. Já entre 2015 e 2021 chegou a 18,8%, ainda abaixo dos 20% previstos na lei de cotas, sendo que a maioria destes não ingressaram por meio das vagas reservadas”, afirma Brasil.

O ex-pró-reitor revela que a universidade possui um déficit de 129 vagas que deveriam ter sido ofertadas para docentes cotistas nos concursos entre 2014 e 2021. Vagas que não foram oferecidas por uma leitura mais restritiva da lei de cotas. “Seis universidades adotaram, a partir de 2024, percentuais maiores, de 30% a 40%, de vagas reservadas visando a reposição da quantidade não ofertada. conta o docente. “Ter uma universidade com a maior presença de docentes negros precisa ser um objetivo assumido por todos”.

ESPECIALCONSCIÊNCIANEGRA



FÁBIO CAFFÉ /SGCOM-UFRJ

“

Esse projeto relembra e resgata minha trajetória na UFRJ. Fui aluna do Serviço Social e passei no concurso para ser servidora, realizando um sonho. As pessoas pretas são merecedoras de estarem nesses lugares”.

ERIKA FERNANDA MARINS DE CARVALHO
Assistente social e técnica-administrativa do Centro de Referência de Mulheres da Maré — (NEPP-DH)

A exposição “Memórias Negras”, projeto concebido pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), pretende aquilombar trajetórias de docentes e técnicos negros que construíram e constroem a história da universidade

IDENTIDADE

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Orgulhosos rostos pretos vão compor uma galeria permanente na UFRJ. No mês da Consciência Negra, em que se destaca a figura mítica de Zumbi dos Palmares, a exposição “Memórias Negras” pretende aquilombar trajetórias de docentes e técnicos negros que construíram e constroem a história da universidade. O projeto foi concebido pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). Com imagens de 55 professores e 24 técnicos, a exposição será lançada no próximo dia 27, às 17h, no auditório Professor Manoel Mauricio Albuquerque, na Praia Vermelha. “O foco é tornar visíveis imagens de técnicos e docentes negros da UFRJ, num recorte do CFCH. Há um histórico de pessoas negras tanto na área técnica quanto na área docente, mas essas pessoas são invisibilizadas. Vamos juntar pessoas com muito tempo na universidade e pessoas jovens e recém-chegadas, como um jogo da memória”, explica o professor Vantuil Pereira, decano do CFCH e idealizador do projeto. A exposição permanente ficará no Espaço Jessie Jane Vieira de Souza, do CFCH, mas terá mostras itinerantes para o Colégio



ACERVO PESSOAL

de Aplicação e para o IFCS/IH. Erika Fernanda Marins de Carvalho, assistente social e técnica-administrativa do Centro de Referência de Mulheres da Maré — projeto do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) —, é uma das fotografadas para a exposição. “Esse projeto relembra e resgata minha trajetória na UFRJ. Fui aluna do Serviço Social e passei no concurso para ser servidora, realizando um sonho. As pessoas pretas são merecedoras de estarem nesses lugares. A universidade pública ainda tem um pensamento colonial, nós enfrentamos dificuldades de acesso ao ensino superior, e somos minoria no

corpo social, como docentes e técnicos. Dar visibilidade ao nosso povo dentro da universidade é de extrema importância. O projeto faz isso: nós estamos aqui, nós construímos essa universidade”.



ARQUIVO ADUFRJ

“

O CFCH tem hoje, em termos proporcionais, o maior número de docentes negros da UFRJ. Salvo engano, o número total de autodeclarados negros na universidade está em torno de 400”.

VANTUIL PEREIRA
Decano do CFCH

ESPECIALCONSCIÊNCIANEGRA

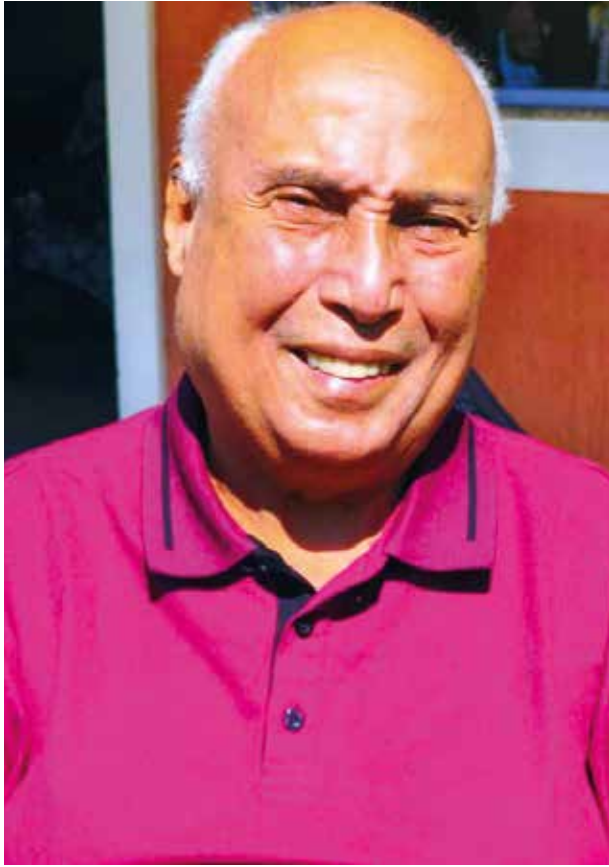


MOISÉS PIMENTEL /SGCOM-UFRJ

“

Como professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, manifesto aqui minha sincera emoção, gratidão e compromisso com a história que vivi e continuo a viver ao lado de tantos companheiros e companheiras de jornada.

A presença de docentes pretos e pardos na UFRJ sempre foi minoritária. Essa minoria revela, de forma dolorosa e persistente, a força do racismo estrutural que, há séculos, exclui moradores de favelas, trabalhadores, suburbanos e habitantes das periferias do acesso pleno à educação. Essa exclusão começa no ensino fundamental, atravessa o ensino médio e, ainda hoje, marca profundamente o ensino superior. Sou um homem de 74 anos. Tive o privilégio de realizar duas graduações, em Estatística e em Ciências Sociais. Iniciei a minha trajetória como professor da UFRJ em 1977 e me aposentei em 2018. Durante todo esse percurso, fui um corpo diferente entre meus colegas. Um corpo que destoava, mas que nunca deixou de encontrar respeito, parceria e boas amizades ao longo do caminho. Por isso, quando o professor Vantuil, decano do CFCH, me convidou para participar da sessão de fotos de professores pretos e pardos da UFRJ, aceitei de imediato. Não apenas por mim, mas por todos que caminharam antes de mim e por todos os que ainda chegarão. A iniciativa é poderosa. Ela ilumina trajetórias que fizeram e fazem a UFRJ ser o que é. Trajetórias que contam a história da instituição a partir de corpos que tantas vezes foram silenciados, invisibilizados ou esquecidos. Hoje, vejo uma universidade diferente. As políticas de ações afirmativas transformaram o cotidiano da UFRJ. A universidade está mais colorida, mais preta, mais mestiça. A presença dos jovens das favelas, das periferias e dos subúrbios começa a ocupar espaços que sempre lhes pertenceram. Os números ainda não refletem a proporção real da população brasileira revelada pelo Censo Demográfico de 2022 do IBGE, mas representam um avanço irreversível e profundamente simbólico. Esta exposição é uma luta contra o apagamento. Um gesto de memória, justiça e reparação. É um



ACERVO PESSOAL

chamado para que os próximos cem anos da UFRJ sejam construídos com mais igualdade, mais diversidade e mais coragem. Agradeço, com enorme admiração, ao professor Vantuil, cuja dedicação incansável combate o racismo, enfrenta os racistas e afirma diariamente os direitos fundamentais do povo preto e pardo no Brasil e no Rio de Janeiro. Sua iniciativa não apenas acolhe. Ela devolve dignidade, orgulho e pertencimento. Assino esta declaração com o coração cheio, honrado por fazer parte dessa história e esperançoso pelas histórias que ainda virão.

PAULO BAÍA, sociólogo, cientista político, ensaísta e professor aposentado da UFRJ

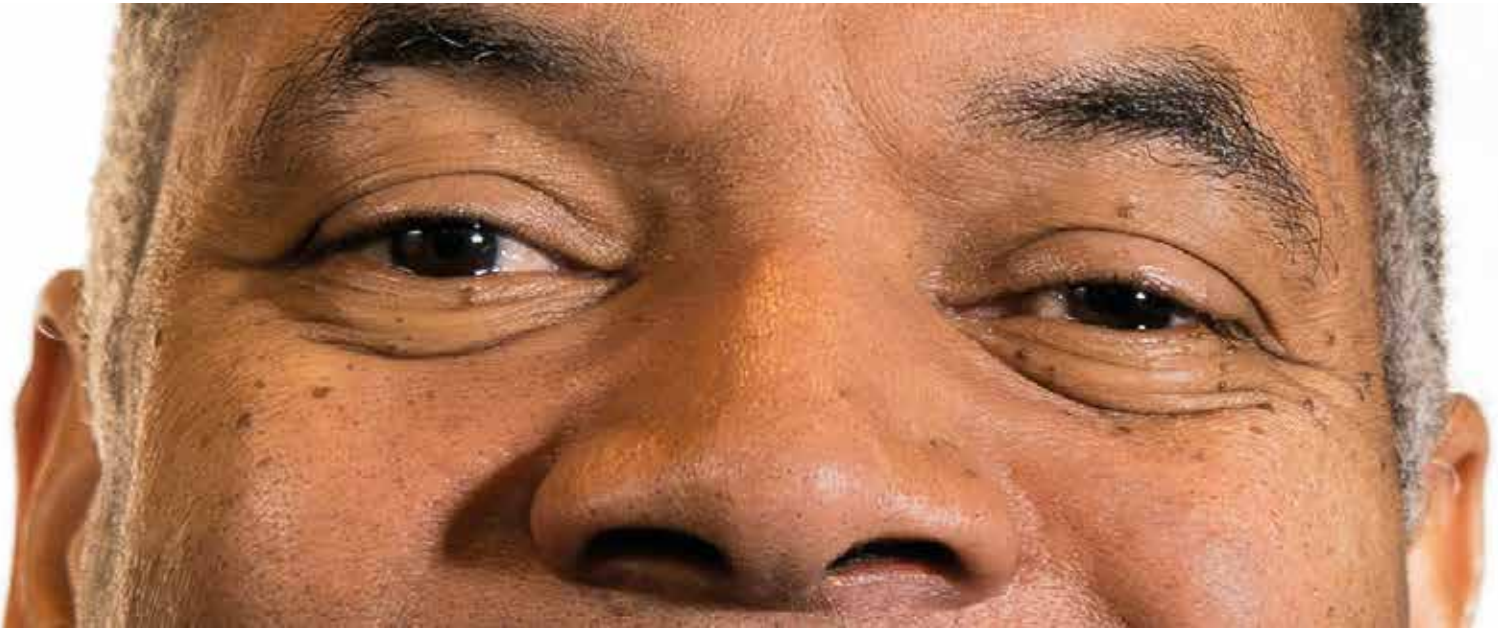


MOISÉS PIMENTEL /SGCOM-UFRJ

ESPECIALCONSCIÊNCIANEGRA



MOISÉS-PIMENTEL /SGCOM-UFRJ



MOISÉS-PIMENTEL /SGCOM-UFRJ

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

O Jornal da AdUFRJ ouviu seis professores titulares negros, de diferentes unidades e centros da UFRJ, sobre a subrepresentatividade da população negra no quadro docente. Eles contam um pouco de suas trajetórias, avaliam os percalços da vida acadêmica e apontam o racismo estrutural que ainda precisa ser superado na universidade e na sociedade

TITULARES



ACERVO PESSOAL



ANA CRISTINA BARROS DA CUNHA
Professora Titular
do Instituto de Psicologia

“Eu sou a primeira filha formada em nível superior e em uma universidade pública. Embora tenha tido acesso a uma formação consistente, ela desde sempre foi muito sofrida. Eu estudava como bolsista em escolas de elite, então aprendi desde cedo a ter resiliência. Não era uma resiliência de letramento racial, mas de sobrevivência.

Na universidade, entramos eu e mais 4 estudantes negras. Havia uma enorme falta de pertencimento. O Instituto de Psi-

cologia era um universo branco da UFRJ. Usei essa resiliência para seguir minha graduação. O racismo faz isso. A gente se adequa às estruturas racistas para tentar sobreviver. Isso me ajudou a me posicionar na UFRJ, mas confesso que durante muito tempo fiquei no ostracismo, tentando sobreviver.

A professora Leila Nunes (falecida em 2023) me preparou para a carreira acadêmica. É alguém em quem me inspiro. Ela acreditou em mim. Os alunos negros eram silenciados e com isso, algumas pessoas sucumbiam. Das quatro alunas que entraram comigo, só duas continuaram na graduação. Hoje tenho alunos que são meus filhos acadêmicos e cuido deles buscando ser inspiração para que eles tenham a chance de se sentirem pertencente à UFRJ e sonhar em ocupar no futuro espaços representativos, como eu ocupo hoje.

Imagino que o quantitativo de docentes negros aumente com o tempo. As cotas conferem um futuro mais promissor para aqueles que querem seguir carreira acadêmica. Mas há outros mecanismos que dificultam a construção desses requisitos para a progressão na carreira. Ser titular não é mérito, é resultado de muito trabalho. Percebo que ainda há barreiras atitudinais em muitas unidades, que dificultam a carreira de professores negros.”



ACERVO PESSOAL

JOSÉ JAIRO VIEIRA
Professor Titular da Faculdade de Educação, Pesquisador de Produtividade do CNPq, Cientista do Nosso Estado da Faperj, representante dos Titulares do CFCH no Consuni

“Eu trabalho com educação antirracista. É um tema que me acompanha há 31 anos na minha carreira de professor federal. Na docência do ensino superior ainda há grande subrepresentatividade.

Quando entrei no primeiro concurso, na Universidade Federal de Viçosa, eu era o único negro do meu Centro. Depois, fiz novo concurso para a UFRJ, em 2007. De lá para cá, o quadro mudou um pouco. Mas quando você quer desenvolver certos diálogos, algumas interações que dependem da vivência do docente negro, você encontra, sim, certa solidão no percurso.

Estamos em fase de mudança curricular na FE e teremos a disciplina ‘Educação das relações étnico-raciais’ obrigatória para

todos os cursos da licenciatura. Também desenvolvemos a disciplina ‘Educação escolar quilombola’, que será eletiva para as licenciaturas. Assim, vamos trabalhando a solidificação da temática antirracista na universidade. Essas disciplinas foram pensadas a partir do diálogo com professores negros. É um exemplo concreto da mudança de perspectiva quando um grupo tem acesso a um espaço de construção do conhecimento. É importante que a gente possa estender essa experiência para todas as universidades brasileiras, de forma a combater o racismo da nossa sociedade. Racismo, esse, que está presente ainda hoje também na universidade. Cadê os professores negros nos espaços de poder? Ainda precisamos, internamente, traçar esses caminhos.”

ACERVO PESSOAL



NILO POMPÍLIO DA HORA
Professor Titular da Faculdade Nacional de Direito

“Eu vejo, ainda, algumas pos-

ESPECIALCONSCIÊNCIANEGRA

turas muito refratárias na academia, em especial em programas de pós-graduação. Eu, por exemplo, não consegui ingressar ainda em um programa de pós. Certa vez, logo depois que concluí meu doutorado, pedi a determinado docente para ingressar no programa. Então ele me disse: ‘Tua área do conhecimento não me interessa.’ Essa pessoa continua lá com essa linha de pensamento.

Vejo que quando colegas negros são chamados a integrar algum espaço de poder, eles são sempre colocados em posições secundarizadas. Ou, então, os convites nem chegam. É aquele: ‘Eu gosto de você, mas você não joga no meu time.’ Isso é real e é motivado pela cor da pele. É assim na sociedade e na academia, infelizmente, não é diferente. Estamos em 2025 e ainda há colegas em ilhotas que continuam reproduzindo esses comportamentos de exclusão.

Temos avançado. Há espaços sendo conquistados, demarcados, mas precisamos de mais participação efetiva na academia. É um absurdo termos apenas nove, dez docentes titulares em toda a UFRJ.”

ACERVO PESSOAL



ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS
Professor Titular do Instituto de Física

“A UFRJ ainda é o lugar dos herdeiros. É muito comum ver professores da que são filhos, sobrinhos, netos de professores. Com a herança, vem junto o capital social. Abrem-se mais portas para quem tem esse histórico familiar. Ter um sobreno-



me ainda é muito importante na univesidade.

Muitos colegas negros relatam quase que uma solidão. Trabalham sozinhos porque não têm pares em suas áreas. Não são convidados para bancas, não são convidados para projetos e também não têm o lastro familiar da academia. Quem é negro e está aqui, geralmente é o primeiro da família.

Mesmo quando você ascende na carreira, aquela posição conquistada é reconquistada o tempo todo. O tempo todo você é testado. O docente negro tem que provar seguidamente que está ali por sua competência. E isso afeta o psicológico.

A mudança ainda é muito gradual e lenta. Volta e meia ouço relatos de que uma candidata negra conquista o primeiro lugar no concurso, mas é contestada por uma candidata branca. É um mecanismo perverso que insistentemente questiona a presença desses docentes. Ter que provar que merece estar ali mina a saúde mental. Uma pessoa branca não tem obrigação de ser a melhor a todo momento; uma pessoa negra tem essa obrigação. É um peso.

Já sofri preconceito até de alunos. Uma aluna branca não aceitou uma explicação minha sobre uma questão da prova unificada. Quando um aluno branco falou exatamente a mesma coisa que eu disse, ela acreditou nele. Veja, eu tenho mais tempo de universidade do que ela tem de vida. Esse é um atestado de racismo que muitas vezes não é reconhecido pela comunidade. Se uma pessoa negra diz isso, é mimimi. Então, muitas vezes você carrega essas agressões consigo sem sequer poder desabafar. É preciso ter resiliência.”



MOISÉS-PIMENTEL /SGCOM-UFRJ

FERNANDO SOUZA



FERNANDO PEREIRA DUDA
Professor Titular da COPPE

“Meu avô, pai da minha mãe, era bem retinto. Já a minha avó era indígena. A família do meu pai, que não teve muito convívio, era branca. A mistura é muito grande. Consciência negra passa também por nos reconhecermos melhor. Mas acho que a subrepresentação na UFRJ é algo que talvez vá além da questão de raça.

No meu caso, o que mais marcou foi o fato de ser nordestino, de vir de uma família de agricultura de subsistência. Quando eu tinha 5 anos, minha mãe se separou do meu pai para fugir da violência. Eu e meus irmãos fomos morar com meus avós. Isso me criou uma ‘casca grossa’. O pessoal do povoado chamava o meu avô de negro besta, porque ele fazia questão que os filhos estudassem, algo incomum na época.



ACERVO PESSOAL

MARIA SOLEDADE DOS SANTOS
Professora Titular da Escola de Enfermagem Anna Nery, diretora do Neabi

“Iniciamos um levantamento com o Coletivo de Docentes Negros para que a gente pudesse

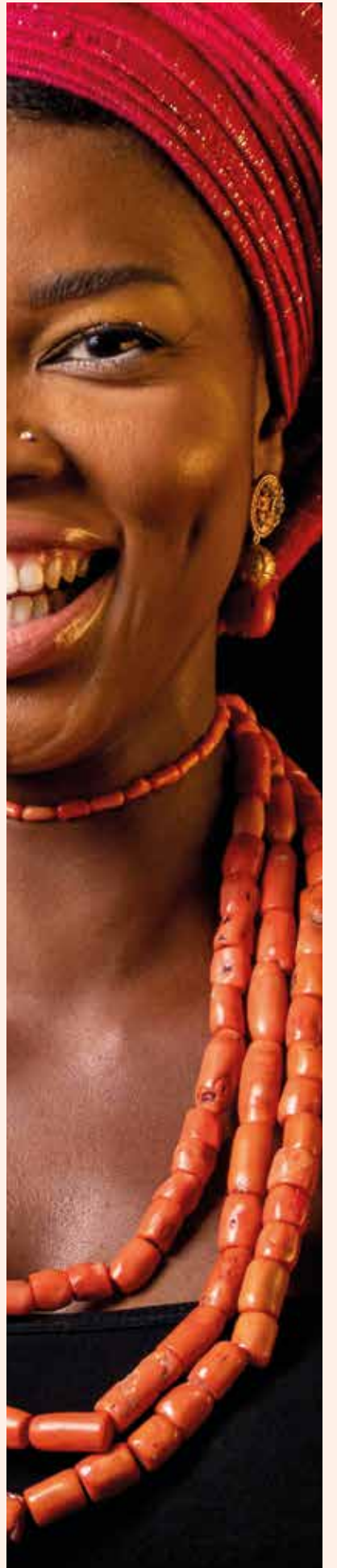
se achar, ainda na pandemia. Nesse momento, a gente começa a se ver e perceber que não somos convidados, chamados, reconhecidos para altos cargos. Eu só comecei a integrar funções de gestão na universidade após chegar a Associada. Então, aos poucos, estamos saindo da invisibilidade.

Somos muito poucos e há dificuldades para o ingresso de novos docentes negros. Ainda há uma enorme reparação que precisa ser executada na universidade. Há candidatos que vão bem na primeira etapa do concurso, mas não dão continuidade. Outros, julgam que não foram bons o suficiente e desistem. A gente não sabe bem o que acontece nesse processo. Sou da Comissão de Acompanhamento e, a partir dessas situações, fizemos um conjunto de observações para as bancas, que são majoritariamente brancas e formadas por homens. Esse levantamento levou a construirmos uma base de dados em parceria com a ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) para listar esses pesquisadores de todo o Brasil. Ouvimos muitas vezes: ‘Ah, a gente não coloca docente preto na banca porque não tem’. Mas na verdade, tem. A Fiocruz usou nosso banco, a USP. Então, a partir dessa possibilidade de entrada desse docente é que poderemos ampliar a participação de docentes negros na gestão. A última reunião do CPEG que fui, só tinham docentes brancos. No CEG, sou a única. O quadro na nossa própria universidade ainda é muito complexo.”



FÁBIO CAFFÉ /SGCOM-UFRJ





EDIÇÃO ESPECIAL

MESTRES DA CONSCIÊNCIA NEGRA

